

A História dos, nos e por meio dos periódicos e a Hemeroteca Digital Brasileira: reflexões metodológicas

*The History of, in and through Newspapers and the Brazilian Digital Newspaper Library:
Methodological Reflections*

João Vitor de Armas Teixeira, UFPel¹

Resumo

O presente artigo se propõe a contribuir com um debate teórico-metodológico ainda incipiente na historiografia que é a investigação na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Nesse sentido, aborda contribuições já presentes nessa discussão como o paradigma da materialidade das fontes e apresenta reflexões próprias a partir da metodologia da Análise de Conteúdo como uma proposta para o tratamento dos resultados de pesquisa e os procedimentos da História da e por meio da imprensa para a problematização dos periódicos. Portanto, é um esforço pelo rigor teórico e metodológico nas pesquisas na Área da História em um contexto de centralidade e ampliação dos acervos digitais nos estudos históricos.

Palavras-chave: Historiografia; História da Imprensa; Hemeroteca Digital.

Abstract

This article proposes to contribute to a theoretical-methodological debate that is still incipient in the historiography that is the investigation in the Digital Newspaper Library of the Brazilian National Library. In this sense, it addresses contributions already present in this discussion as the paradigm of materiality of sources. And it presents its own reflections from the Content Analysis methodology as a proposal for the treatment of research results and the procedures of the History of and through the press for the problematization of periodicals. Therefore, it is an effort for theoretical and methodological rigor in research in the Area of History in a context of centrality and expansion of digital collections in historical studies.

Keywords: Historiography; Press History; Brazilian Digital Newspaper Library.

Introdução

Este trabalho surgiu com o intuito de contribuir com um debate que ainda é pouco refinado no campo da pesquisa histórica: a investigação em acervos digitais, mais especificamente na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Existe uma verdadeira lacuna dentro das reflexões teóricas e metodológicas, o historiador que trabalha com esse tipo de fonte e com esse suporte, acaba encontrando uma vasta literatura defasada que não o possibilita refletir sobre sua própria prática. Concordo com a avaliação de Brasil e Nascimento (2020, p. 204) de que há “negligência” e até mesmo “omissão intencional” que acaba “passando a falsa

¹ Graduado em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), graduando em Letras Português-Literatura pela UFPel e mestrando em História pelo PPGH-UFPel, bolsista CAPES. E-mail: joaoarmas1998@gmail.com. Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7117766338325243>.

noção de que o pesquisador chegou aos resultados finais de sua pesquisa utilizando o tradicional método corrente”. Abundam, portanto, considerações sobre o jornal enquanto fonte histórica, metodologia que acaba sendo aplicada à consulta nas fontes digitais, ou, pelo menos, apresentada como o método de trabalho, porém, uma parte da pesquisa fica às escuras. As observações concernentes ao procedimento de trato com as fontes ficam, portanto, demonstradas pela metade, a despeito da qualidade da pesquisa. É essa a conjuntura que os historiadores da e por meio da imprensa estão trabalhando e, considero, uma urgência a ampliação dessas discussões para a elevação da qualidade e do rigor procedimental das produções historiográficas. Pois, somente a partir da ampliação desse debate é que será possível um salto qualitativo das pesquisas, bem como a exploração dos limites e potencialidades da Hemeroteca Digital Brasileira (HDB) e de seu mecanismo de busca.

Desse modo, urge esclarecer, brevemente, do que se trata o acervo digital e como ele funciona, para que seja possível uma melhor compreensão sobre o que pretendo refletir neste texto. Nesse sentido, a História da Imprensa do Brasil possui uma trajetória que se inicia no ano de 1808, quando a imprensa Régia surgiu por iniciativa oficial (SOUZA, 2014), Giordano (2016, p. 172) argumenta que a “situação da imprensa não se alterou consideravelmente antes de 1821”, ano em que “jornais independentes começaram a circular em maior número no Rio de Janeiro”. Portanto, conclui-se que a imprensa teve um desenvolvimento vagaroso, entretanto, “nas últimas décadas da monarquia, já existia uma imprensa mais bem estruturada, com periodicidade, diária ou semanal [e] com independência financeira” (DOLHNIKOFF, 2017, p. 85). Desde então, a imprensa cumpriu papel fundamental e foi um agente histórico decisivo ao longo do século XX até a contemporaneidade, basta mencionar o papel dos jornais durante o Estado Novo e na Ditadura Civil-Militar² e o grande esforço estatal para a sua censura e controle. Trata-se, portanto, de mais de duzentos anos de história acumuladas nos e dos jornais e que, felizmente, uma parte considerável foi conservada pelo esforço dos pesquisadores da Biblioteca Nacional (BN) ao longo desse tempo.

A Organização das Nações Unidas para a Educação e Ciência e a Cultura (Unesco), segundo Giordano (2016, p. 184), considera a BN “uma das dez maiores bibliotecas nacionais do mundo, sendo a maior da América Latina”, seu acervo, segundo o site da instituição, possui mais de dois milhões de documentos livres para consulta digital. Não é o objetivo deste trabalho, tratar da história da Biblioteca Nacional³, interessa analisar o movimento que surgiu

² Ver Giordano (2016), que traça um interessante panorama da história da imprensa no Brasil desde seu início.

³ Para isso, é possível consultar o próprio site da instituição e obras como Giordano (2016) e Bettencourt e Pinto (2013).

a partir dos anos 1940, quando a BN deu início à microfilmagem desses exemplares, porém, segundo Brasil e Nascimento (2020) apenas no ano de 1978 que foi criado um Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros (PLANO). O PLANO “visava preservar a produção jornalística do país e supervisionar a rede nacional de microfilmagem” (GIORDANO, 2016, p. 187). A pesquisa, nos noticiosos, ao longo das décadas seguintes, era feita por “pesquisadores [que] dedicaram horas a fio, girando e rebobinando os microfimes, lendo minuciosamente cada página, cada coluna, cada sessão dos periódicos” (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 205). Inicialmente, alçavam mão dos fichamentos à mão, posteriormente, os computadores ajudaram a facilitar as transcrições e organizar catálogos próprios para facilitar o trabalho, mas as mudanças não parariam aí.

A verdadeira revolução de suporte veio no ano de 2006, fato que “implicaria transformações na imaginação histórica em uma ordem sem precedentes” (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 2005). Porém, é necessário examinar a Biblioteca Nacional Digital (BNDigital), que internamente, está constituída por uma tríade de segmentos: a) “Captura e armazenagem de acervos digitais”; b) “Tratamento técnico e publicação de acervos digitais”; e c) “Programas e Projetos de digitalização e divulgação”. O *metadata schema*⁴ da BNDigital é o *Dublin Core*, o qual é possível identificar os seguintes elementos: “título, criador, assunto, descrição, publicador, contribuidor, data, tipo, formato, identificador, fonte, idioma, relação, cobertura e direitos” (BND, 2023). A norma de autoria, é a *Anglo American Cataloguing Rules* (AACR2), utiliza a Classificação Decimal de Dewey e

para interoperar com outros sistemas de bibliotecas digitais a BNDigital aderiu ao protocolo da Iniciativa dos Arquivos Abertos OAI-PMH, mecanismo para transferência de dados entre repositório digitais (GIORDANO, 2016, p. 189).

Para a presente reflexão, o fato mais relevante, do ponto de vista historiográfico, é o surgimento da Hemeroteca Digital Brasileira (HDB), “lançada em 2012 com 10 milhões de páginas” (GIORDANO, 2016, p. 190) e é possível acessá-la a partir de qualquer dispositivo conectado à *internet*.

A HDB, possui disponível para consulta periódicos brasileiros e estrangeiros, de domínio público e aqueles de maior raridade. O processo de digitalização dos exemplares deu-se por meio de “escâneres planetários de alta produção [da] marca *Zeutschel* modelo 12000HQ. Tais equipamentos têm características que visam à salvaguarda do documento original”. Após

⁴ Esquema/sistema de metadados.

esse processo, ocorreu a “etapa de reconhecimento dos caracteres do texto por meio da aplicação do software *Abby FineReader 11 Professional*”. E, por fim, os arquivos digitais foram transformados para o formato *Portable Document Format*⁵ (PDF), visando reproduzir de maneira fidedigna o documento original. Já, para o usuário da plataforma, é disponibilizada a tecnologia *DocPro*, que permite a “pesquisa por aproximação visual”, “na qual não são guardadas as palavras exatas e sim a aproximação visual de cada uma” (GIORDANO, 2016, p. 190-191). Nesse sentido, é uma tecnologia que consegue minimizar os erros da *Optical Character Recognition*⁶ (OCR), porém, não é um sistema à prova de falhas, mas é, inegavelmente, de grande refino tecnológico e proporciona certa segurança ao pesquisador.

Portanto, mediante a tecnologia *DocPro*, é possível realizar a pesquisa dos e por meio dos periódicos a partir de diferentes parâmetros. Tais como a consulta por: a) Periódico; b) Período; e c) Local. A) a pesquisa interna ao jornal possui permite três etapas: a localização por nome, por período e a busca por palavra ou frase, basta a digitação utilizando aspas; b) por período, seleciona-se balizas temporais que estão padronizadas em décadas (por exemplo 1810-1819), a partir dessa seleção irá abrir opções de todos os locais, periódicos disponíveis nesse período e, por fim, possibilita a busca por palavras e/ou frases; c) por local, inverte-se a ordem da busca temporal, sendo a geografia o ponto de partida que irá averiguar em seu acervo as opções para a pesquisa. Por conseguinte, são três enfoques diferentes, que poderão abrir gamas distintas e direcionar a pesquisa para caminhos variados. Dessa forma, é possível acessar uma quantidade inimaginável de jornais, propiciando mapear todo o debate de uma época sobre determinado assunto, enquadrando a pesquisa dentro de marcos geográficos, temporais e de categorias de análise.

Diante do exposto, o presente artigo irá refletir sobre a História da e por meio da Imprensa, problematizando os periódicos como fonte histórica, visando contribuir para uma perspectiva metodológica que conceba os jornais de uma forma mais complexa e dialética. A partir disso, versará sobre a HDB e sobre as reflexões metodológicas que vêm sendo realizadas ao longo do curso de mestrado acadêmico na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Considero de grande valia cruzar teórico-metodologicamente a pesquisa via *DocPro* com a Análise Conteúdo (BARDIN, 2011; ZICMAN, 1985) como forma de trabalho e refinamento

⁵ Formato de Documento Portátil.

⁶ Reconhecimento Óptico de Caracteres, como o nome sugere, é uma tecnologia que utiliza o reconhecimento óptico o que, dependendo das condições e/ou da formatação do documento, pode apresentar resultados falhos nas consultas.

dos resultados que a ferramenta apresenta ao longo da consulta às fontes. Por fim, trará suas considerações finais, sintetizando as reflexões apresentadas.

A História da e por meio da imprensa

É clássico o texto de Tania Regina de Luca (2008), *História do, nos e por meio dos periódicos*, que reflete sobre esse fazer historiográfico e constituiu-se em jargão dos historiadores que trabalham com esse tipo de fonte. Referir-se como História da e por meio da imprensa remete-nos ao movimento circular do jornal constituir-se documento e objeto ao mesmo tempo. Pois, não há como compreender aquilo que aparece em suas páginas sem antes atentar para “os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes” (LUCA, 2008, p. 132), ou seja, entender *como* eles funcionam. Colocado de outra forma, é nevrálgico proceder a historicização da fonte, questionando-se sobre sua data de fundação, seus fundadores, financiadores, tempo e espaço de circulação, formato, orientação editorial e posições políticas. Pois, esses impressos possuem funções sociais (LUCA, 2008) e estão “envolvido[s] em um jogo de interesses” (LAPUENTE, 2015, s.p.), tudo aquilo que é publicado não chega ao público em vão, desde a escolha do papel até a disposição espacial das notícias está imerso em uma lógica de intencionalidade. A perspectiva adotada pelo presente trabalho choca-se com a separação que Barros (2019) estabelece entre o jornal-objeto e o jornal-fonte, parece-me óbvio que são pontos de partida distintos, porém, ao longo da produção historiográfica ambos se confundem, distanciam-se apenas no resultado da pesquisa. Todo trabalho que versa sobre a história de determinado jornal irá percorrer um caminho por meio dele. Toda pesquisa que busca, a partir de determinado periódico enquanto fonte histórica, produzir um conhecimento sobre um dado fenômeno histórico, irá recorrer à sua historicização para problematizá-lo. Portanto, será entendido aqui que a história dos e a história por meio dos periódicos são dois elementos de uma mesma relação dialética que se influenciam e são mutuamente interdependentes.

Diante do exposto, o que o historiador deve levar em consideração ao utilizar a imprensa como fonte é o seguinte aspecto: *há um processo histórico por trás e envolto à notícia*. Ela surge como reação às conjunturas históricas, a fonte e quem as produz não são neutros, “a Imprensa age sempre no campo político-ideológico” (ZICMAN, 1985, p. 90). Ela visa uma ação social, a defesa de um programa, mesmo que oculto ou subentendido e não a reprodução estéril da “realidade”, como se fosse uma espécie de “arquivo do cotidiano” (ZICMAN, 1985, p. 90). Mesmo esse aspecto deve ser questionado, pois há, na fonte jornalística, uma

temporalidade implícita, isso quer dizer que o texto jornalístico foi produzido para ser consumido instantaneamente. Uma notícia sobrepõe a outra, um artigo de opinião surge anulando ou reforçando o anterior, pois o público-alvo está presumido nessa lógica diária do diário. O leitor ideal é aquele que consome o produto com o intuito de informar-se e formar-se por meio desta ou daquela gazeta e que, ao fim e ao cabo, aquela edição, daquele dia em específico, perde a sua utilidade, pois já não produz mais sentido consultar, por exemplo, o caderno de esportes duas vezes. É o historiador que, no futuro, irá examinar a fonte e transfigurá-la, colocá-la sob outra perspectiva, vai realizar uma operação radicalmente oposta àquela intencionalidade original: ele retira o caráter efêmero do texto jornalístico para projetá-lo e inseri-lo em uma lógica histórica, desmembrando suas tensões, conexões internas e externas e trazendo à luz o seu processo de produção e seus porquês. Afinal, outro enfoque importante, é o circuito “polo editor” e “polo leitor”, ou “produção e recepção” (BARROS, 2019, p. 172), isto é, a relação entre o jornalista que produz o texto e a orientação editorial que é condicionada pelos financiadores dos jornais, seja os leitores ou as empresas que anunciam em determinada folha. Nesse sentido, é muito importante, no trato do texto jornalístico, considerá-lo “produto de um trabalho coletivo que apresenta em uma de suas pontas uma complexa hierarquia de interferentes” (BARROS, 2019, p. 172). Evidentemente, essas ressalvas devem ser feitas diante de jornalistas, jornais e de contextos específicos, mas que o historiador deve realizar, para uma correta problematização de suas fontes, pois está vinculada diretamente às particularidades dos textos jornalísticos.

A historicização da fonte, requer que levemos em consideração não só aquilo que há de específico neste ou naquele jornal, mas o caráter geral da imprensa no período estudado, ou seja, a “caracterização do jornal simultaneamente como objeto cultural, meio de comunicação e prática social” e as “características mais gerais que parecem ser partilhadas por todos os jornais” (BARROS, 2019, p. 168) de determinado período. Por exemplo, a imprensa foi vista como um Quarto Poder, desde o final do século XVIII e, é ao longo desses processos pós-Revolução Francesa (1789-1799) que surgiram os princípios de “publicidade”, “espírito público”, “opinião geral” e, o principal: “opinião pública”, isto é, a imprensa foi concebida como um espaço privilegiado para “interpretar e formar a opinião pública” (CAPELATO, 2015, p. 119). No século XIX, a imprensa foi marcada pelo seu “caráter doutrinário, a defesa apaixonada de ideias e a intervenção no espaço público” (LUCA, 2008, p. 133) e que, apesar de grandes taxas de analfabetismo, “era um instrumento de ação política e cultural” durante o Brasil Império (DOLHNIKOFF, 2017, p. 83). Os periódicos, via de regra, eram explícitos sobre

suas linhas editoriais e traziam, por vezes, em suas capas as suas posições, o que facilita a investigação do historiador. Entretanto, no período posterior, a partir do século XX (até a atualidade) com o processo de massificação da imprensa, dos grandes conglomerados e do caráter profissional e – por que não – “científico” do jornalismo, as gazetas passaram a posições discretas e/ou veladas de acordo com o período e a conjuntura histórica. Nesse sentido, surge a necessidade fundamental que é o cruzamento da fonte com a historiografia, para compreender o que há de geral na fonte específica, levando em consideração não só as suas transformações, mas a manutenção de seu caráter elementar. Isso quer dizer: a imprensa como “instituição pública”, formadora de opinião e a “passagem da imprensa político-opinativa para a imprensa empresa não eliminou nem diminuiu a importância dos jornais como agentes políticos” (CAPELATO, 2015, p. 121-122).

Por outra perspectiva, dentro desse quadro mais amplo da imprensa do período que se pretende estudar, é necessário também refletir: quais as especificidades de determinada fonte? Como argumenta Barros (2019, p. 164), “através dos sucessivos exemplares periódicos de um mesmo jornal. Encadeia-se uma história que precede a operação historiográfica”. Ou seja, é preciso levar em consideração esse *processo histórico que está por trás e que envolve a notícia*, somente a partir desse procedimento é que será possível compreender como o jornal movimenta-se no terreno histórico. Retornando mais uma vez ao exemplo oitocentista, era muito comum periódicos polemizando entre si, acusações mútuas, sátiras, verdadeiros duelos no espaço público. Isso deve ser apreciado, bem como os textos e outros jornais que são mencionados, publicados, endossados, pois isso compõe essa história pregressa legada pela própria fonte histórica. É preciso buscar compreender de que maneira aqueles agentes, que produziram a fonte e como o próprio jornal, enquanto organismo, moveram-se em seu tempo, dentro de suas possibilidades. Suas posições, mudanças, oposições, alianças, conflitos, reações, tudo deve ser visto a partir das lentes da historiografia, para estabelecer uma relação circular entre a fonte-objeto e o conhecimento histórico. Além de, evidentemente, realizar a apreciação do caráter profundamente dialético entre o geral e o particular, pois o jornal sempre carrega consigo as marcas de seu tempo, porém, também possui características próprias que o distinguem de seus pares e isso sempre deve ser observado.

Se nos propormos a analisar o jornal enquanto fonte-objeto da pesquisa histórica por outro aspecto, é muito fecundo refletir sobre a fonte jornalística como uma testemunha de seu tempo. A partir de Esperança (2006, p. 237), nesse sentido, é pertinente pensar que “a testemunha viu algo, ouviu algo, o que em última instância nos certifica: este algo existiu”. O

aspecto testemunhal é interessante pois é possível, com a devida problematização, captar aspectos que outras fontes não legam ao historiador, “a imprensa oferece amplas possibilidades para o estudo da história porque nela fica registrada a vida cotidiana de uma sociedade em seus múltiplos aspectos” (CAPELATO, 2015, p. 115). Porém, todo testemunho é falho, pois possui, como a autora menciona, um compromisso moral e a ânsia de testemunhar a sua verdade, a sua realidade, palavras que são problemáticas dentro do vocabulário do historiador. Tais fatores, longe de retirarem a legitimidade da fonte jornalística, refinam a reflexão historiográfica, porque “a distinção entre o falso e verdadeiro, embora necessária, passou a ser encarada de outra forma” (CAPELATO, 2015, p. 115), isto é, o historiador deve perguntar-se qual a intencionalidade de sua produção, de que maneira foi produzido, seja “falso” ou “verdadeiro”. O que alça os periódicos ao mesmo patamar das fontes já consolidadas desde a historiografia positivista o que é fruto, também, da revolução documental e os novos paradigmas historiográficos que surgiram ao longo das sucessivas renovações historiográficas ao longo dos séculos XX e XXI. Pensando o periódico enquanto testemunho, isso quer dizer que ele deve ser “analisado pelo historiador além de seu significado aparente” (ESPERANÇA, 2006, p. 241), sua análise “pressupõe uma avaliação crítica desse documento, o que implica sua desconstrução” (CAPELATO, 2015, p. 115) e isso é, como afirmou Bardin (2011, p. 15), uma “tarefa paciente de ‘desocultação’”. Portanto, dentro desse movimento, é imperativo ao historiador buscar “reconstituir projetos, ideais, lutas, compromissos e interesses dos protagonistas da história dessa época” (CAPELATO, 2015, p. 116) e a imprensa possibilita ao pesquisador uma qualificada reconstituição de determinadas conjunturas, principalmente aquelas mais delicadas e voláteis, características de momentos de crise ou de grande mudança. E, impera ressaltar, logicamente, que os jornais não apenas “pintam” esses “quadros”, mas também e – talvez mais importante que isso – são personagens de visão privilegiada, mas estão encharcados pelo seu tempo e seus interesses.

A pesquisa na Hemeroteca Digital: reflexões metodológicas

A Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e sua ferramenta de busca (*DocPro*) permitem ao historiador uma gama de recursos de diversas ordens, principalmente o acesso facilitado aos periódicos de qualquer lugar do Brasil e do mundo. Esse fator possibilita a profusão de trabalhos de pesquisa histórica, principalmente àqueles que produzem historiografia dos e por meio dos jornais, entretanto, há carência de uma reflexão metodológica mais aprofundada, que dê conta de problematizar as facilidades dos recursos, mas, também, de

seus riscos. Pois, existem fatores *a priori* óbvios que não são levados em consideração, a primeira questão, mais importante, é que ao utilizar tal recurso, o pesquisador está consultando o conteúdo da fonte, porém, não a fonte em si, isto é, há a questão da materialidade do impresso. Por outro lado, igualmente de suma importância, é o trabalho com os usos possíveis e os dados extraídos sob o risco de não realizar um cruzamento com a historiografia e/ou outras fontes.

A questão material influi no próprio fazer historiográfico pois o pesquisador não está mais em contato com o periódico pesquisado, não mais está manuseando o documento e lendo-o em busca das respostas aos seus questionamentos e problemas. A busca por palavras-chave encurta o caminho e, por vezes, pode até mesmo ser o ponto de partida da produção histórica, isto é, pode (e ocorre) o fato de o historiador consultar determinado periódico pois esse possui uma alta quantidade de ocorrências de uma determinada palavra. Afinal, essa possibilidade de “localizarmos – e, de certo modo, quantificarmos – a ocorrência de terminados termos em um vasto material textual permite acelerar o foco da atenção do historiador em relação a temas e assuntos de seu interesse de pesquisa” (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 203). Isso leva a um processo que as características materiais do periódico, por exemplo, o tipo de papel e impressão e a disposição espacial das matérias podem ser negligenciados pelo historiador. Outros elementos de ordem heurística e epistemológica remetem-nos à reflexão de que estamos acessando a representação de um documento que, por sua vez, é uma representação inserida em uma série quase infinita de condicionantes históricas, materiais, ideológicas e políticas. Fato é, se enquanto historiadores, assumirmos uma posição que leve esse raciocínio às últimas consequências, poderemos inviabilizar a pesquisa histórica por esses caminhos e tolher o grande potencial dessa forma de pesquisar. Brasil e Nascimento (2020, p. 201) consideram que “quando um registro histórico (...) converte-se, por meio de algum processo computacional, em um documento digital, ocorre aí uma mudança que dificilmente poderia ser considerada trivial”, compreendem que há uma mudança material desse registro, a digitalização seria não uma “desmaterialização”, mas uma “rematerialização”, pois mesmo arquivos digitais ocupam espaços físicos (em *hardwares*, por exemplo). Nesse sentido, ainda segundo os autores, quando consultamos a Hemeroteca Digital estamos diante de uma cópia do documento original e, para essa cópia ser concebida como fidedigna, ela demanda parâmetros⁷, “aquilo que os arquivistas denominam cadeia de custódia”. Outro ponto de vista relevante é que nesse movimento de

⁷ Todas as informações sobre a política de digitalização, os objetivos, critérios de seleção, área de infraestrutura da Tecnologia da Informação (TI) e suas ferramentas, softwares, até suas estatísticas, normas e padrões estão disponíveis no site da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/sobre-a-bndigital/apresentacao/>. Acesso em: 12 de out. 2022.

digitalização que é uma “rematerialização”, além do câmbio do suporte, “a fonte torna-se datafícavel”, ou seja, implica em uma sobreposição de dados digitais, os metadados, que podem ser analisados pelo historiador.

Nesse sentido, uma das formas de se superar essas questões é adequar seus parâmetros de análise ao suporte em que pesquisa, ou seja, deixar claro para si e para o leitor, que esse ou aquele aspecto não foi considerado em seu trabalho como, por exemplo, a materialidade, o tipo de papel, de impressão e disposição espacial. Ou, buscar trabalhos que contemplem a materialidade do periódico, para agregar à sua pesquisa digital, tanto internamente, no processo do trabalho, quanto externamente, para seus pares. Afinal, além dos dados virtuais, um dos aspectos que o trabalho com os periódicos como objeto e fonte por meio da ferramenta de busca na Hemeroteca Digital possibilita é a investigação, por longos períodos, dos meios de financiamento, anúncios e a mudança de donos dos periódicos. Isso é facilitado pela consulta nas capas ao longo dos anos, como, por exemplo, nos periódicos do século XIX, que apresentam informações importantes nas mesmas. Dentre essas informações, outras podem ser a preocupação do historiador, como a consulta das trocas de sede, de rua, o valor desses impressos, anúncios de produtos, livros e outros artigos podem ser consultados por meio de palavras-chave. O que, por vezes, pode ao invés de empobrecer a pesquisa do ponto de vista material, enriquecê-la ao colocar o jornal como fonte e desvelar seus meios de sustentação, razão pelas quais perduraram no tempo. Outros aspectos materiais que podem ser acessados é o tamanho e o número de suas edições, o número de folhas por exemplar, se possuía circulação local ou nacional. A Biblioteca Nacional também permite ao pesquisador identificar com facilidade lacunas no acervo e/ou descontinuidades de números e publicações permitindo um olhar ampliado e de longa duração sobre os periódicos. Parece-me claro que, se por um lado há o distanciamento da materialidade da fonte, por outro, há a possibilidade de acesso facilitado e digital o que permite a consulta por pesquisadores de todo o país e que, muitas das vezes, dependem desse recurso devido as condições precárias de muitos acervos, principalmente no interior do país. E “a possibilidade de cópia digital dos arquivos, o surgimento de gigantescos repositórios, em diversos idiomas e com diferentes tipos de acervo” de forma inédita apresenta “um mundo de pesquisas e achados que até então era difícil de imaginar” (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 202).

Outrossim, é preciso refletir sobre os resultados que a consulta à ferramenta pode proporcionar ao pesquisador e de que forma ele pode realizar o tratamento desses dados

recolhidos. Aqui é pertinente mencionar a pesquisa⁸ que venho realizando ao longo do mestrado em História no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), essa é um esforço para compreender o imaginário anticomunista católico no periódico *O Apóstolo*⁹ nas décadas finais do século XIX (1866-1893). O trabalho mencionado utiliza amplamente a Hemeroteca Digital e suas potencialidades e, a partir das reflexões teórico-metodológicas realizadas ao longo de dois semestres, optou-se por utilizar a análise de conteúdo (ZICMAN, 1985; BARDIN, 2011) como forma de trabalhar com os dados levantados. Compreende-se que a Análise Temática está inserida dentro do campo mais amplo da análise dos conteúdos pois, “independente de sua forma linguística” ela centra-se “na análise do conteúdo dos discursos”, o que possibilita o trabalho com grande volume de documentos e os “estudos sobre motivações, opiniões, atitudes e tendências” (ZICMAN, 1985, p. 95). O método, é um “esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade” (BARDIN, 2011, p. 15).

Assim sendo, foram estabelecidas, a partir de Zicman (1985), categorias de análise entrecruzadas com a historiografia, ou seja, foi realizado um exame da conjuntura e seu vocabulário político do século XIX para consultar a ferramenta de pesquisa. É nesse momento em que Brasil e Nascimento (2020, p. 203) mencionam que “a lógica da pesquisa parece inverter-se, pois já deveríamos saber, em certo sentido, aquilo que desejaríamos encontrar”, o próprio mecanismo de busca por palavras-chave “implica a existência de um conhecimento ou interpretação prévia daquilo que é possível de ser encontrado no(s) documento(s)”. Isto posto, foram estas as categorias: *Anarchismo* (37 ocorrências); *socialismo* (615 ocorrências); *communismo* (151 ocorrências). E suas variantes: *anarchista* (64 ocorrências); *comunista* (46 ocorrências); *socialista* (290 ocorrências). O intuito é “medir a implicação do político nos seus discursos” (BARDIN, 2011, p. 37), retirar elementos ocultos da fonte, compreender o processo histórico por trás das palavras que estão impressas e que consultamos por meio eletrônico mais

⁸ Projeto de mestrado intitulado: “A invasão do comunismo”: o imaginário anticomunista católico nas páginas do jornal *O Apóstolo* (1866-1893).

⁹ *O Apóstolo*: periódico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade (1866 – 1893) possuiu circulação nacional. No ano de 1871 era semanário, mas, a partir dos anos 1874 e 1875, tornou-se diário. “Tinha cerca de 4 a 6 páginas por exemplar, sendo que a numeração dos mesmos se dava contínua por muitas edições seguidas” (LIMEIRA, 2011, p. 14). Era impresso pela tipografia Nicolau Lobo Vianna e Filhos (1866-1893), na cidade do Rio de Janeiro e podia ser adquirido “na Corte Imperial, local de sua produção, ou em qualquer província do Brasil, sendo vendido na própria tipografia ou nas paróquias mais centrais” e o seu intendente era “o Exm. E Revm. Sr. Bispo D. Pedro Maria de Lacerda” que o converteu em “um dos maiores porta-vozes da política de romanização e do pensamento ultramontano no Brasil” (LIMEIRA, 2011, p. 14). O periódico visava ser a voz do “catolicismo oficial, propagando as ‘corretas’ formas de conduta, assim como, definindo as representações dos papéis a serem desempenhados pelos fiéis católicos dentro dessa sociedade” (RIBAS, 2011, p. 96). Clérigos e seculares estavam autorizados a escrever matérias para jornal, com a ressalva de seguirem sua orientação editorial. As matérias, no geral, não eram assinadas.

de 150 anos depois que vieram ao público. Por isso, alguns resultados preliminares são alcançados mediante a consulta da fonte e de produções históricas, por exemplo: compreendemos o anarquismo enquanto uma corrente teórica e política revolucionária, porém, a fonte não apresenta essa conotação, ao contrário, reproduz um senso comum que relaciona a anarquia ao caos, à desordem. Todavia, as categorias relacionadas ao socialismo e ao comunismo trazem forte caráter político, que, por vezes, confundem-se.

Mediante o exposto, percebe-se que os resultados preliminares apresentam, quantitativamente, uma grande massa de dados para a análise, ao todo 1.203 ocorrências das categorias analíticas. Entretanto, aqui surge uma especificidade do objeto de estudo e que serve como um exemplo para a reflexão metodológica de uma pesquisa com essas características, ou seja, os dados quantitativos são apenas padrões de referência, indícios que apresentam “presença (ou ausência)” e/ou frequência, mas que devem ser investigados, pois o relevante para a pesquisa mencionada é a “orientação ou tonalidade”, ou seja, “a posição do jornal frente ao tema de estudo” (BARDIN, 1985, p. 97). Dito de outra forma, para “superação da incerteza” e o “enriquecimento da leitura” (BARDIN, 2011, p. 35), é preciso a abordagem qualitativa. Além disso, se o que se busca compreender é o imaginário anticomunista católico (e sua formação), há aspectos ressaltados pela historiografia que devem ser apreciados, como a heterogeneidade do conceito que, para Motta (2002), deve ser empregado no plural, é necessário falar em “anticomunismos”. Bem como a advertência de Silva (2000): é preciso compreender qual a formulação de comunismo que os anticomunistas elaboram, ou seja, é necessário abordar qualitativamente as ocorrências e analisar os significados (BARDIN, 2011).

No entanto, mesmo as ocorrências podem e devem ser problematizadas pois, atestada, por exemplo, a presença e a frequência de uma determinada categoria de análise, o mecanismo de pesquisa da Hemeroteca Digital pode proporcionar indícios importantes para a investigação. A primeira ocorrência de um termo, um período de tempo no qual há um número frequente de incidências podem ser fundamentais para a “inferência de conhecimentos relativos às condições de produção” (BARDIN, 2011, p. 44). Por exemplo, em uma pesquisa anterior, Teixeira (2021), que trabalhou com a mesma fonte, foi possível inferir que as ocorrências relacionadas à categoria de análise *comunismo* coincidem com a escalada da Guerra Franco-Prussiana¹⁰ e a eclosão da Comuna de Paris¹¹ de 1871. Torna-se evidente, portanto, que mesmo numericamente

¹⁰ Conflito entre a França, do Segundo Império de Napoleão III (1808-1873) contra o Reino da Prússia de Otto Von Bismarck (1815-1898), o conflito (de 19 de julho de 1870 até 10 e maio de 1871) foi marcado pela queda do Império francês e pela unificação alemã.

¹¹ Primeiro governo operário da história surgido dos escombros do Segundo Império francês sobreviveu entre 18 de março de 1871 até 28 de maio de 1871, quando foi esmagado pelas forças da reação da França.

inferior à de períodos posteriores, os primeiros anos da década (1870) possuem um valor apreciativo de grande importância. Por outro lado, o ano com maior incidência do termo (1876), não apresenta um salto de qualidade em relação ao período anterior, apenas ajuda na “análise ‘intra-jornal’” (ZICMAN, 1985, p. 97), como uma parte de um todo da formulação dos redatores de *O Apóstolo* a respeito do termo. Fica evidente, portanto, que não há uma relação entre o número de ocorrências e seu conteúdo pois, pode-se cair em relações díspares onde o número de ocorrências é inversamente proporcional à sua qualidade e vice-versa. Pois, afinal, “a digitalização sempre pode comportar erros¹² nos caracteres de documentos” e ocorrências não surgirem na busca; as informações são transmitidas para nós por meio da linguagem¹³ e ela “tem a incrível capacidade de nos permitir falar das coisas sem que necessariamente mencionemos o nome delas”; e, por fim, sempre há a possibilidade de surpresas¹⁴ ao longo das pesquisas (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 204).

O passo mais complexo é realizar o tratamento desses números, Bardin (2011) afirma que o método de análise de conteúdo é empírico e, portanto, é dependente de um fazer. Porém, a pergunta fundamental nessa etapa da pesquisa é: *como* fazer? Uma das opções é reduzir as categorias de análise, por exemplo, a pesquisa mencionada optou por concentrar-se em: *comunismo* e *comunista*. O que reduziu o número de ocorrências de 1.203 para 197, essa redução quantitativa significou a ampliação da análise qualitativa¹⁵ tanto da “superfície dos textos” e “os fatores que determinaram estas características” (BARDIN, 2011, p. 47), como da abordagem pela historiografia. Logo, decidiu-se pelo exame das matrizes do pensamento conservador católico e seus intérpretes intelectuais por meio da produção historiográfica sobre o pensamento conservador, buscando traçar um perfil intelectual para compreender a natureza de seu anticomunismo. Evidentemente, esse é um dos caminhos possíveis, outra alternativa é a redução das balizas temporais, o que demanda selecionar, mediante critérios claros, seu recorte, isso requer um profundo conhecimento do contexto histórico e sua relevância. Entretanto, a redução de escala não pode induzir o historiador a desconsiderar os contextos mais amplos

¹² Ver Brasil e Nascimento (2020) que trazem exemplos claro desses tipos de falha no OCR.

¹³ Chartier (2002) critica esse processo de leitura fragmentado, dependente de buscas por palavras-chave o que está em concordância com teóricos da linguagem como Bakhtin (2013), para quem a linguagem e o discurso apenas fazem sentido no todo. Desse modo, surge a necessidade da compreensão dialética entre o particular e o geral e o profundo conhecimento da e o rigor no trato com a fonte histórica.

¹⁴ Como, por exemplo, a descoberta de obras e autores até então desconhecidos ou pouco tratados pela historiografia. A pesquisa que estou desenvolvendo já chegou a dois nomes Antonio Secioso Moreira de Sá (1833-1910) e Monsenhor Gaume (1802-1879) e as obras *O Zuavo da Liberdade* (1872) e *O Catecismo do Syllabus* (1878), como verdadeiros manifestos do anticomunismo católico do século XIX.

¹⁵ Uma apreciação mais qualificada das edições trabalhadas e uma profunda consulta à historiografia permitem evitar o erro da leitura fragmentada da fonte.

sobre a própria fonte pois, mesmo que se promova a redução das categorias de análise e/ou o estreitamento das balizas temporais, aspectos gerais como a orientação editorial da fonte, se negligenciadas, podem induzir o pesquisador ao erro.

A tecnologia pode promover um facilitamento da pesquisa, porém, não deve influir em um menor rigor metodológico, ou seja,

o trabalho do historiador diante do arquivo digital, portanto, não é tão diferente do arquivo físico, pois exige tanto rigor metodológico no tratamento da fonte quanto o tratamento de uma fonte não digital (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 203).

O que é necessário afirmar é a inevitabilidade da pesquisa em acervos digitais como na Hemeroteca Digital, é uma mudança permanente na pesquisa histórica e que tende a ampliar-se cada vez mais. Nesse sentido, a reflexão teórica e metodológica deve aprofundar-se para o melhor manejo e para coibir o uso indiscriminado das fontes sem sua devida problematização. Pois, não há razões para reivindicar um “retorno às origens”, afinal, se fôssemos antiquários, só teríamos olhos para as coisas velhas, mas somos historiadores e é por isso que devemos contemplar a vida (PIRENNE *apud* BLOCH, 2001). São horizontes de possibilidades que abrem ao historiador da e por meio da imprensa tanto do ponto de vista da análise “intra-jornal” como de rastrear com facilidade e estabelecer comparações entre periódicos, pesquisas “inter-jornais” (ZICMAN, 1985, p. 97). Isto é, somente a partir de uma práxis rigorosa que esteja em diálogo constante com o método adequado, será possível reduzir os riscos da pesquisa em arquivos digitais e poderá proporcionar produções historiográficas de qualidade além de abrir caminho para uma renovação da historiografia brasileira, que vem captando aspectos até então inéditos, possibilitados pela nova tecnologia.

Considerações finais

O presente trabalho buscou contribuir para o debate, ainda incipiente, a respeito da metodologia de pesquisa nos acervos digitais e, especialmente, na consulta à Hemeroteca Digital Brasileira. Não houve a pretensão de esgotar o tema, nem de trazer respostas definitivas, mas, tão somente trazer diferentes perspectivas e reflexões sobre o jornal enquanto fonte histórica e o trabalho por meio do mecanismo de busca *DocPro*. Pois, há uma clara lacuna na produção historiográfica atual que, sem sólida literatura teórico-metodológica, transpõem procedimentos do trabalho em acervos jornalísticos físicos ao trato com a HDB. Portanto, este texto foi um esforço de lançar luz a essas questões e trazer para a superfície os problemas, os

limites e tensões presentes em empreitadas com essas características, ou seja, com uma grande massa de ocorrências e de categorias de análise.

A primeira questão a ser tratada com profundidade é a relação dialética entre o periódico enquanto fonte e enquanto objeto, que expressa tanto questões gerais como específicas de seu contexto histórico. Além disso, o texto que chega ao historiador é, por vezes, obra não só daquele que assina a matéria, mas a expressão de um conjunto de relações internas à produção do documento, que o historiador não pode negligenciar. Portanto, é necessário entender que o jornal é produto e agente de seu tempo, seu aspecto material de produção, mas a sua reprodução também deve ser compreendida, pois, visto de maneira retrospectiva, esses fatores influem no movimento geral das gazetas. Nesse sentido, ao consultarmos suas páginas, problematizamos a fonte, historicizando-as, tornando-as objeto, pois o desenvolvimento histórico que precede e envolve a notícia jamais deve ser ignorado, mas, sim, entendido como elemento central que pode ser o eixo de explicação para o advento da notícia tal qual ela se apresenta para nós. É preciso compreender e captar os elementos comuns da imprensa do período e identificá-los nas páginas dos noticiários analisados, mas, de mesmo modo, contrastá-los com os elementos únicos que diferem umas gazetas às outras. Devemos ziguezaguear entre o aspecto de fonte e de objeto, entre o geral e o específico para poder produzir uma síntese multifacetada e entrecruzada com a historiografia. Por isso é que se deve partir de noções mais dinâmicas e menos mecânicas para tratar desse tipo de fonte, para uma historiografia do e por meio dos periódicos de maior complexidade.

Sintonizado às considerações anteriores é necessário transpor essas concepções dinâmicas do periódico como fonte-objeto e cruzá-las com as especificidades da busca por meio da ferramenta *DocPro*. Pois, se por um lado há um horizonte de possibilidades quase infinito ao historiador, por outro, corre-se o risco de leituras parciais, fragmentadas e fragmentárias que podem não dar conta de abarcar todo o dinamismo que a história interna legada pelo periódico ao historiador, proporciona. Uma pesquisa baseada tão somente por categorias de análise pode cair em uma apreciação mecânica, quantitativa, que não possibilita uma conexão das ocorrências com a historiografia. É por isso que o profundo conhecimento tanto da fonte quanto do contexto histórico e da discussão historiográfica é fundamental, a pesquisa no acervo digital demanda tanto rigor quanto as pesquisas físicas. E, de acordo com esse quadro, uma metodologia possível é a da análise de conteúdo, que possibilita os meios para filtrar corretamente os aspectos quantitativos e qualitativos, objetivos e subjetivos. Pois, deve-se problematizar todos os resultados preliminares encontrados na pesquisa, foi exposto que a

relação entre as ocorrências e sua relevância para um estudo podem estar em ordem inversa. Por outro lado, a frequente menção a uma determinada categoria analítica também pode evidenciar movimentações no plano histórico, escalada de conflitos, de disputas, mudanças, crises. Logo, urge ao historiador balizar seu trabalho, seja diminuindo o número de suas categorias de análise, seja encurtando os marcos temporais, o que demanda, mais uma vez, profundo conhecimento de seu objeto e do contexto estudado.

A tecnologia pode e deve ser uma grande aliada do conhecimento histórico, que não deve se furtar de sua utilização, pois novas fronteiras do conhecimento podem ser exploradas. A busca por palavras-chave, levou à minha pesquisa de mestrado e a desvelar todo um imaginário anticomunista gestado pela imprensa católica no final do século XIX, fenômeno até então desconhecido pela historiografia brasileira. Sem a ferramenta de busca da HDB, tanto por aspectos geográficos quanto temáticos, essa pesquisa jamais seria possível e, assim o é com muitos outros trabalhos gestados e em gestação. A historiografia acadêmica não pode dar as costas à contemporaneidade, não pode adotar uma postura conservadora, ela deve promover o debate e refletir sobre as possibilidades e os limites desse tipo de fazer historiográfico. Afinal, é um ponto sem retorno e mais um desafio teórico, metodológico, heurístico e epistemológico que temos de enfrentar.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, José D'Assunção. **Fontes Históricas: Introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BETTENCOURT, Angela Maria M; PINTO, Monica Rizzo Soares. A hemeroteca digital brasileira. In: Congresso Brasil de Biblioteca, Documentação e Ciência da Informação, 25, 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. São Paulo: Anais CBBDD, 2013. Temática I: Tecnologias de informação e comunicação - um passo à frente - Relato de Experiência. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbdd2019/article/view/1321>. Acesso em 12 out. 2022.
- BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Humanidades Digitais**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, jan./abr., p. 196-219, 2020. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/79933/77428>. Acesso em: 11 out. 2022.
- BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.
- CAPELATO, Maria Helena. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia Coelho (orgs). **História das Américas: fontes e abordagens historiográficas**. São Paulo: Humanitas, 2015. cap.6, p. 114-136.

- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.
- DOLHNIKOFF, Miriam. **História do Brasil Império**. São Paulo: Contexto, 2017.
- ESPERANÇA, C. G. Testemunhas ou fontes: relações e desencontros entre jornalistas e historiadores. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 235–251, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/46>. Acesso em: 11 out. 2022.
- GAUME, Jean-Joseph. **Catecismo del Syllabus**. F. Ferro. Bogotá: 1878.
- LAPUENTE, Rafael Saraiva. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 10., 3 a 5 jun. 2015, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: ALCAR, 2015, s.p. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontrosnacionais1/encontrosnacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/o-jornalimpressocomofonte-de-pesquisa-delineamentos-metodologicos/view>. Acesso em: 9 mai. 2021.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. cap. 5, p. 111-155.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. 2000. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- RIBAS, Ana Claudia. A boa imprensa, a política e a família: os discursos normatizantes no jornal O Apóstolo (1929-1959). **Revista Espaço Plural**, Mal. Cândido Rondon, ano XII, v. 12, n. 24, 1º semestre, p. 96-106, 2011. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/7240>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- SÁ, Antonio Secioso Moreira de. **O Zuavo da Liberdade: Grito do Zuavo: Alto lá! Camaradas. Ou bem papistas; ou então comunistas**. Rio de Janeiro: Tipografia do Apóstolo, 1872.
- SILVA, Carla Luciana. **Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- SOUZA, Maurício Severo. A relação entre Igreja e Estado no Brasil do século XIX nas páginas d'O Novo Mundo (1870-1879). **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 11, n.1, jan./jun., p. 48-62, 2014. Disponível em: <https://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2014/07/10-2-5.pdf>. Acesso em: 9 mai. 2021.
- TEIXEIRA, João Vitor de Armas. **“Doutrinas Perversas”**: História e historiografia da Comuna de Paris e sua repercussão no Brasil a partir do periódico O Apóstolo (1871) - Pelotas, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.
- ZICMAN, Renée Barata. História Através da Imprensa: algumas considerações metodológicas. **História e Historiografia**, São Paulo, v. 4, jan./dez., p. 89-102, 1985. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12410/8995>. Acesso em: 12 jul. 2022.